

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Candéas A.J., *Uma Abordagem Morfológica para a Caracterização de Objetos Estelares*, Tese de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Informática, 1998.
2. Corwin, H.G., de Vaucouleurs, G. e de Vaucouleurs A., *Southern Galaxy Catalog*, University of Texas, Astronomy Department, 1985.
3. Humphreys, R.M. e Pennington, R.L., *Workshop on digitized optical sky surveys*, editado por C. Jaschek and H.T. MacGillivray, 1989.
4. Odewahn, S.C., Mumphreys, R.M., Aldering, G. e Thurmes, P., "Star-galaxy separation with a neural network - II - Multiple Schmidt plate fields", *Publications of the Astronomic Society of the Pacific*, 105:1354--1365, 1993.
5. Banon, G.J.F., "Characterization of translation-invariant elementary operators for gray-level morphology", *Neural, Morphological and Stochastic Methods in Image and Signal Processing*, 68--79, Proc. SPIE 2568, 1995.
6. Heijmans, H.J.A.M., *Morphological Image Operators*, Academic Press, Inc., 1994.
7. Serra, J., *Image Analysis and Mathematical Morphology, Vol. 2: Theoretical advances*, capítulo 5 - *Introduction to Morphological Filters*, editado por J Serra, Academic Press, Inc., 1988.
8. Vincent, L. e Soille, P., "Watersheds in digital spaces: an efficient algorithm based on immersion simulations", *IEEE Transactions on Pat. Anal. Mach. Intel.*, 13(6):583--598, 1991.
9. Facon, J., "Morfologia Matemática: Teoria e Exemplos", Editora Universitária Champagnat da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 1996.
10. Matheron, G., "Random Sets and Integral Geometry", Wiley, New York, 1975.
11. Maragos, P., "Pattern spectrum and multiscale shape representation", *IEEE Transactions on Pat. Anal. Mach. Intel.*, 11(7):701--716, 1989.
12. Sternberg, S.R., "Grayscale morphology", *Computer Vision, Graphics and Image Processing, Special edition on Mathematical Morphology*, 35:333--355, 1986.
13. Barrera, J., Banon, J.G.F. e Lotufo, R.A., "A Mathematical Morphology toolbox for the KHOROS system, Technical Report RT-MAC-9403, Instituto de Matemática e Estatística - Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 1994.

POESIA PERNAMBUCANA MODERNA

(Breve Antologia)

(Organizada por César Leal)

Edição de Estudos Universitários
(Separata)
Recife, 1999

PRIMEIRA PARTE

Cinema

- Mas D. Nina,
aquilo que é o tal cinema?

*O homem saiu atrás da moça,
pega aqui, pega acolá,
pega aqui, pega acolá,
até que pegou-la.
Pegou-la e sustentou-la!
Danou-lhe beijo,
danou-lhe beijo,
danou-lhe beijo!...*

*depois entraram pra dentro dum quarto!
Fez-se aquela escuridão
e só se via o lençol bulindo...*

.....

- Me diga uma coisa, D. Nina:
isso presta pra moça ver?!...

ASCENSO FERREIRA

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Paisagem pelo telefone

Sempre que no telefone
me falavas, eu diria
que falavas de uma sala
toda de luz invadida,
sala que pelas janelas,
duzentas, se oferecia
a alguma manhã de praia,
mais manhã porque marinha,
a alguma manhã de praia
no prumo do meio-dia,
meio-dia mineral
de uma praia nordestina,
Nordeste de Pernambuco,
onde as manhãs são limpas,
Pernambuco do Recife,
de Piedade, de Olinda,
sempre povoado de velas,
brancas, ao sol estendidas,
de jangadas, que são velas
mais brancas porque salinas,
que, como muros caídos
possuem luz intestinal,
pois não é o sol quem as veste
e tampouco as ilumina,
mais bem, somente as desveste
de toda sombra ou neblina,
deixando que livres brilhem
os cristais que dentro tinham.
Pois, assim, no telefone

NETO

tua voz me parecia
como se de tal manhã
estivesses envolvida,
fresca e clara, como se
telefonasses despida,
ou, se vestida, somente
de roupa de banho, mínima,
e que por mínima, pouco
de tua luz própria tira,
e até mais, quando falavas
no telefone, eu diria
que estavas de todo nua,
só de teu banho vestida,
que é quando tu estás mais clara
pois a água nada embacia,
sim, como o sol sobre a cal
seis estrofes mais acima,
a água clara não te acende:
libera a luz que já tinhas.

JOAQUIM CARDOZO

Congresso dos Ventos

Na várzea extensa do Capibaribe, em pleno mês de agosto
Reuniram-se em congresso todos os ventos do mundo;
Àquela planície clara, feita de luz aberta na luz e de

[amplidão cingida,
Onde o grande céu se encurva sobre verdes e verdes, sobre
Lentos telhados,
Chegaram os mais famosos, os mais ilustres ventos da Terra:
- Mistral, com seus cabelos de agulhá, e os seu frios de
[dedos finos,
- Simum, com arrepiadas, severas e longas barbas de areia
[quente,
- Harmatã, em fúrias floriosas e torvelinhos, trazidos da
[Costa da Guiné,

Representante das margens do Nilo credenciou-se Cansim,
E Garbino, enviado das praias catalãs.

Vieram as Monções das margens do Oceano índico,
Os ventos da Tundra siberiana vieram...
E os Alisios desceram do Equador, clandestinos,
Num grande transatlântico.

Chegaram ainda os ventos da América:

- BerINÊS, respirando doçuras de rios azuis, afluentes do
[Orenoco,
- Pampeiro, eremita e solidão de horizontes sub-andinos,
- Minuano, assobiando longamente a tristeza ritmada das
[coxilhas.

Também os ventos nordestinos se acharam presentes:

O Nordeste e o Sudeste; os ventos Banzeiros,
O Aracati das praias cearenses,
O vento Terral, velho boêmio das madrugadas.
Ventos, muitos e todos, ventos de todos os desertos,
De tempestades selvagens, de escuramente outonos...
Nesse congresso em tantas veemências se afirmaram
Quanto em glória e rebeldia se exprimiram...

Com açoites e eloqüentes rajadas falou Harmatã;
Com citações de Esopo e de La Fontaine
Comparou as vantagens da energia do sol e a do vento,

CARDOZO

Descreveu com minúcia os modernos fornos solares
E admitiu o emprego futuro de ventos magnéticos.

Depois que Cansim relembrou o seu feito guerreiro
Envolvendo em altas nuvens de areia as legiões do rei
[Cambises

- Isto, há mais de dois mil anos -
Garbino repetiu com sopros noturnos e vagarosos
A velha história do abandono e desprezo dos ventos
Agora, solitários, vagando por todos os quadrantes.

A assembléia inteira levantou-se amotinada;
Um vendaval sem freio, um furacão,
Percorreu aquelas instâncias de planície tranqüila;
Uma onda de revolta se ergueu contra os motores,
Contra os ventiladores e os túneis de vento.

Mas apesar daquele tumultuoso debater de línguas
[meteóricas

Podia-se ouvir muito bem a voz lamentosa do Nordeste:

- Eu que, há trezentos anos, desembarquei das velas do
[almirante Loncq

Na praia do Pau Amarelo,
Que tremulei nas flâmulas e nas bandeiras das naus de
[D. Antônio de Oquendo

Aqui estou, nesta várzea, reduzido a professor de meninos:
Hoje vivo ensinando a empinar papagaios...

Voltando a calma, em alentos de aragens murmuradas,
Terral contou como ajudava as plantas nos amores:
- Levando nas dobras do seu manto o pólen das anteras,
Velivolvendo e suspirando entre ramagens.

Por fim, sucederam-se festas, danças de roda...
Músicas e cantos de longes mares tempestuosos,
Rodopios, volteios, caprichos, remoinhos, piões e
[parafusos...

- Com sestros de capoeira exibiram-se o vento Banzeiro e
[o Sulão.

CARDOZO

Barinês leu uma mensagem de Rómulo Gallegos,
 Minuano disse um poema de Augusto Meyer.

E já pelos dias finais daquele mês todos partiram...
 Erguendo o seu vôo sobre as nuvens varzinas

Regressaram, um após outro,
 Para as noites e as tormentas das suas terras natais.
 O último que se pôs a caminho foi o vento Aracati:
 - Cortou uns talos de chuva
 Com eles fez uma flauta
 E se foi, tocando e dançando,
 E se foi pela estrada de Goiana.

MANUEL BANDEIRA

Poemeto Erótico

Teu corpo claro e perfeito,
 - Teu corpo de maravilha,
 Quero possuí-lo no leito
 Estreito da redondilha...

Teu corpo é tudo o que cheira...
 Rosa... flor de laranjeira...

Teu corpo, branco e macio,
 É como um véu de noivado...

Teu corpo é pomo doirado...

Rosal queimado do estio,
 Desfalecido em perfume...

Teu corpo é a brasa do lume...

Teu corpo é chama e flameja
 Como à tarde os horizontes...

É puro como nas fontes
 A água clara que serpeja,
 Que em cantigas se derrama...

Volúpia da água e da chama...

A todo o momento o vejo...
 Teu corpo ... a única ilha
 No oceano do meu desejo...

Teu corpo é tudo o que brilha
 Teu corpo é tudo o que cheira...
 Rosa, flor de laranjeira...

Boi de Barro

Andando em muitos sapatos
e jamais nas suas patas,
entre enormes chifres curvos
sente-se (o boi) entre aspas.

É um boi verde vidrado
açulado em cima da estante.

É um boi desenterrado,
telúrico e ruminante.

Quem o desenterrou foi
Abelardo em Tracunhaém.
No barro da beira-rio
estava escondido o boi

desgarrado do rebanho.
Feito do gado anterior,
de estrume e de capim seco,
é este boi ruminador.

Estava desfeito ou feito?
No ato da exumação,
apareceram sangrantes
as feridas do aguilhão,

da corda e do pau da canga
da asfixia do cambão,
do ferro em brasa nas ancas,
da chaga da castração.

As quatro rodas chiadeiras
do carro que antes puxara
rodaram sobre o esqueleto,
fizeram sulcos na cara.

A semente vacuum dentro
do chão mole do curral.
O boi vegetariano,
vegetal e mineral,

comeu do pasto e foi pasto,
misturou-se com o chão
para nascer no roçado,
oculto na plantação,

dando marradas no vento
da várzea pernambucana,
esse boi de chifres doces,
chifres de cana-caiana.

Toca o chocalho. O mugido
do boi de barro enche a sala
(cresce a grama no tapete).
Pego no boi, ele racha.

SEGUNDA PARTE

ALBERTO DA CUNHA MELO

*Adágios**(Fragmentos)*

I

*Mesmo a regra adotada
por livre vontade, . . .
quando vira rotina
infecta a liberdade:
aquele passo em falso
era um novo compasso;
mastigue o passarinho
que faz de sua boca
um redundante ninho;
seja a ovelha perdida,
a que nunca é vendida.*

II

*Intermitente sangria,
o ridículo invade
a memória se, em saltos,
vagueia vazia;
e, como o sargaço,
ele toma o espaço
de sua pescaria,
inflando de vaias
as velas do dia;
mas, sob o ridículo, a arte
ferra o seu espadarte.*

III

*O dogma do mercado
é o céu do capataz,
o orgasmo sem susto
de saquear em paz;

é acreditar que a fera
por si se regenera;

no rebanho, trocar
o pastor por marchante
ou, então, faturar

nas estações chuvosas
a entressafra das rosas.*

IV

*É fácil descobrir
o tipo perdedor:
ali, na última fila,
longe do professor;

numa festa, é o sem-prato,
e não sai no retrato;

quando adulto, deseja
que a velhice se apresse,
corra em sua defesa;

o perdedor é a sobra
de lã, que esconde a cobra.*

Presságios

(fragmentos)

I

Quando, só por acaso,
abrindo um velho tomo,
cai a pétala seca,
sem conhecer-se o dono,
algo enorme morreu
e ninguém percebeu;

hoje é trapo de asa
que uma brisa franzina
arrasta pela casa:

cinza e hóstia de horror
num pedaço de flor.

II

Ninguém viu, mas lá fora
o silêncio passava:
com seu porte vulcânico
e informal, de uma lava;

cruzou toda a avenida
sem dar sinal de vida;

sem ser visto, escolhia
os que iriam com ele,
no final do dia;

venceu toda a batalha,
sem mover uma palha.

III

Quando, sob as marquises,
abre-se vaga ao escuro,
uns pedaços de sombra
enrolam-se em casulo;
romeiro ou invasor,
não se distingue a cor;
a honra familiar,
sem véus e proclamas,
foi comida ao chegar;
até que a fome os vença,
o "crime não compensa".

IV

Perto da linha férrea,
entre o regato e o aterro,
tarde da noite, passa
o mais secreto enterro;
faróis baixos, no escuro,
chega um carro ao monturo;
só fica o tempo fixo
de um passageiro frio
ser jogado no lixo;
quando chega a alvorada,
ninguém sabe de nada.

MELO

V

Sem água para a pele
 cinzenta se lavar,
 e lá no ponto, o ônibus
 de fogo a demorar;
 desvela-se o proscênio
 do inflamável milênio:
 o espírito absoluto
 dissolve suas banhas,
 sem sentar-se um minuto;
 mas, no fim do roteiro,
 o ódio engulha no espelho.

VI

Nova ordem mundial:
 primeiro, vem o saque
 agiota-automático,
 e depois o massacre,
 se o nativo mais alto
 não dividir o assalto;
 a grande carniceira
 corta a limpo, com laser,
 a carne de terceira;
 sem sangue, nada mal
 seu balanço anual.

ALMIR DE CASTRO BARROS

Longe Fogem os Dias

Não há solidão que cumpra isso:

Às noites no inverno
 Se acordado por facas do frio
 Delas fugia na dança de um besouro
 Rondando a lamparina até cair
 No gás.

É desse tempo
 Ouvir de certa primavera
 Aonde não cheguei por falta de quimera.

Depois o amor fez do meu sono
 Um pobre de ira e querubins.

Da crônica do pai guardo este risco
 - Pensem juntos,
 Que a mágoa se repete como a lua -.

Anoto estas questões
 Enquanto longe fogem os dias
 Sob o ninho de silêncios da eternidade.

BARROS

Como Chaplin

Cativo de lágrimas pela estrada vazia
O coração sem a chama dos diamantes que tinha.

Perdido ou só quando árvores madornam
E passa sem mais ver na mão das samaríbias
De água – as muralhinhas.

E do que foi em pensos passos
Deixa dormir numa estátua de ninhos.

BARROS

Tomás Seixas

Diria se falasse
– A mágoa é o paiol dos maus
E a solidão um trono no passado.

O olhar inclina sem função
Para o caminho onde se perde em flor
Geração de carvalhos.

Não veio do inferno
Posto que sonha quando esconde letras
Num caderninho.

BARROS

Em Mim

Guardo-te
Como objeto já sem nome
Em luta
A cinzejar sob o esmeril dos pés
De quem acaso
Passa.

BARROS

Geração Beat

Aprendo na ata dos quiosques:
Que uma estrada é a casa e a lã
De abandonados

Os que ouvem sobre o frio e sua lenha
O coração aquecem

E o sol das ervas açoita os decaídos
Expulsos afinal das sílabas
Quando adormecem.

Impuros

Inocentes ainda
Essas aves sujas
Contemplam a fortuna cintilante
Exposta através de vidros
Da ourivesaria.

Se observados
Fogem para beco vadio
Fenda segura
Como as que escondem chiadores
Surpreendidos em pêndulos caídos
Sobre estranha mobília.

Mercancia

Infenso ao alarido dos que à rua vendem
Fiz voarem em mim velhos teatros
Onde verdeja um trigo na criança
Ou adorna a claridade alguns vizinhos

E um músico refaz a esperança
De quem triste e só mira águas fundas.

ESMAN DIAS

Fusão

(Para Carmem Brito)

Santo Anjo do Senhor
Tyger! Tyger! burning bright
 Meu zeloso guardador
In the forests of the night
 Se a Ti me confiou
What immortal hand or eye
 A piedade divina
 A divina piedade
 A mão, o olho imortal
 Que deu forma e simetria
 Terrível, meu Anjo, Tigre
 A Ti, labareda clara
 Dá-me teu fogo claro e me incendeia!
 Dá-me tua espada à noite e me defende!
 Sempre me rege e me ilumina a alma!
 Meu santo Anjo do Senhor, meu Tigre!
 E minha espada, espada, espada, espada!

DIAS

Adivinha

Altas varandas, formosas janelas
Abrem-se, fecham-se
 – Sem ninguém tocar nelas

(Adivinha que me propôs Esther,
 esguia, de rostinho bem fino,
 narizinho arrebitado
 e *imensos* olhos sorridentes, aos sete
 anos de idade.)

E dunque addio, infanti ricciutelle,
portate le colme anfore su le spalle

(Eugenio Montale)

para Cláudia, guardiã do mistério

Havia sombras e lamparinas
 Havia sombras, sombras esguias
 Que se esgueiravam pelo quintal
 Em camisolas de seda fina
 Lençóis de seda da luz do dia
 Havia sombras.

Seda, sussuros na areia clara
 Seda e cambraia
 Seda e mantilhas
 Havia sombras.

Havia leques que se entreabriam
 Havia portas que se fechavam
 Havia escadas em que fugiam
 Todas as sombras longas e esguias
 Sombras esguias do meu naufrágio
 Sombras e lumes de candelabros
 De candelabros e de castiçais
 Sombras e lumes do meu castelo

DIAS

E havia o fosso – doutro castelo
 E havia o espesso óleo amarelo
 Feito de um peixe feroz e belo
 E um homem alto

–Portas travessas!–
 Um homem belo
 Curvado ao peso de um peixe-espada
 Havia o peixe e havia a escada
 E além da escada
 Havia a moça
 (Quase menina!)

Havia a moça
 Levando à fonte
 Jarra de louça

Jarra de louça
 De louça fina

Havia a moça
 Moça formosa
 Frágil, insegura
 Levando ao ombro
 Mãos à cintura
 Claro segredo:

DIAS

Havia a moça
 Misteriosa
 Que segurava
 Não uma rosa
 Não um sinete
 Não uma flor
 Não um florete
 Não uma prece
 Em verso e prosa
 Para deleite
 Do nosso ouvido:

Havia a moça
 Que segurava
 A própria imagem
 Levando aos ombros
 Rumo ao silêncio
 Clara paisagem

Ânfora clara
 Ânfora plena
 Ânfora e espuma
 Ou simples tela
 –Ânfora apenas

E nos mostrava,
 Menor, a imagem
 Bem pequenina
 (Que ela era moça
 Quase menina!)
 Não repetida
 Na própria imagem

DIAS

(Que era menor
A imagem dela
Diminuindo
Na própria imagem
Tão pequenina
Que mal se via)

Não me falava
No meu silêncio
Vaga penumbra
De azul na sala:

Se repetia
Seu próprio nome
Nada se ouvia

Não se escutava
Tão pequenina
Não me falava
Nada dizia

Tão frágil, esguia
Como a neblina
Frágil, diáfana
Como a neblina
Dentro da noite

DIAS

Dentro da noite
Não mais a via
—Que ela sumia
E se esgarçava
Como a neblina

Neblina fina
Que se esgarçava
Que se esgarçava
Como a fumaça
Dentro da noite
Dentro da noite
Da noite infinda...

DIAS

Poema do Despertar

I

Hoje, redivivo,
 Compartilho a mim:
 Meu suor meu sangue
 Minha fé no fim
 Meu sonhar meu sonho
 Meu gerir meu corpo
 Meu ganir descalço
 Meu crescer já morto
 Tudo o que retive
 Dos que me guardaram
 Foram minhas vinhas
 Meus amores raros
 Minha noite insone
 Minha noite imune
 Minha face exangue
 Que a meu Deus me une.

Hoje, redivivo,
 Sofro nova luz:
 Não que me atormente
 –mas que me inaugura;
 Não que me incendeie
 Nem que me torture,
 Mas que distribua
 Sem que me conclua
 Nada em minhas veias.

Hoje, sou sem peias:
 Besta libertada
 A trotar no verde
 Seu relincho claro.

II

Hoje já me sobram
 Naves e galeras
 O que dantes era
 Parte da quimera
 Já me sobra à porta;
 Pouco agora importa:
 Minha luta é minha.
 Pois hoje me vejo
 Com meus olhos novos
 E hoje já me posso
 Reconstituir
 No suor fecundo
 Do que lavra a terra
 Na visão que erra
 Sem saber errar.

III

Hoje me desperto
 Nesse olhar do homem
 Nesse amar do homem
 No morrer do homem
 –Hoje, redivivo,
 Sou palavra e fome.

IV

Hoje não relincho
 Por temor ao vento:
 Mais do que invento,
 Lúcido descubro
 (Hoje existo em tudo)

DIAS

V

Hoje me alimento
 Mais da minha fome:
 Onde flua o homem,
 Nasço e me refaço
 –Hoje sou mais tempo
 Conjugado a espaço.
 Pois já não me pesa
 Tudo o que me sofre;
 Hoje, sou mais forte:
 Tudo o que circula
 Corpo e pensamento
 Revigora o tempo
 De manter-me à brisa
 Se hoje não me pisam
 Com seus cascos ágeis
 Meus imaginários
 Sonhos de paisagem

VI

Já senti o salto
 Sem pensar o meio.
 Hoje, se receio
 Retornar ao muro,
 Sinto-me seguro.
 Sinto-me maduro
 Para o meu comando:
 Seguirei uivando,
 Récriando estradas,
 Que hoje não sou nada
 Do que já me fora
 Mais que morte, amor,
 Mais que sombra, cor,
 Mais que luz, inverno
 –Hoje, redivivo
 Para sempre, eterno.

L'École des Beaux Arts

I celebrate myself, and sing myself ...
Walt Whitman

Eu, o Pensador
Eu, o Discóbolo
Eu, Moisés.
Eu exangue em teu braços, minha Mãe
(A teus pés, me ajoelho, Pai. Perdoa)
Eu, Quéfren na pirâmide de Gizah
Eu, o torso desnudo, sem camisa
Eu, Apolo em combate. Eu, o centauro
Eu, Dioniso inscrito neste barro
Eu: adriânico mármore
Na beleza pagã da minha carne
Eu – PerseuI –
Decepo-te, cabeça de Medusa
Eu, o judeu Davi de Donatello
Eu, o Davi de Michelângelo – eterno
Eu, a Sibila – que não envelheceu
Para rimar assim: só eu, eu, euI
Eu, o escravo moribundo e lânguido
Eu, o elmo do grego que me oculta
A cara de primata. Eu, da caverna
Eu, Adão – que a mão de Deus aterra
Eu, este tigre – que a mão de Deus abate
EuI – comigo mesmo em singular combate

Eu, Heathcliff, neste morro, uivante!
Eu, decadente, em minha voz menor
Eu no meu sangue, em todo o meu suor

Eu, replicado. Eu multiplicado
Eu disperso na brisa pelo prado
Eu, esta besta solitária: o Fauno

De mármore desta tarde: Eu, o inocente.
Eu – o incessante Eu –, Eu, o desnudo
Eu dos espelhos de um museu de tudo

Tanto espelho de mim neste museu
Eu, para sempre. Para sempre: EuI

DIAS

Graças

I

Por esta areia,
Pelo rumor da chuva
E o silêncio sem nódoa

Pela faina dos meus
E, à noite, a casa,
Hoje deserta,
Mas que se foi em mim reduplicando

Pelo fumo distante da planície
E o horizonte — mais vasto que a planície

Pelo rumor da chuva que se espalha
A palavra contida e não dispersa
O vinho turvo, o orgulho, a soberana
ironia
A espada enferrujada e o seu desuso
Eu te agradeço beleza e desperdício

E me perdôo a mim e à minha sombra
Ferindo a claridade do teu dia
Vão ganido de luz, fósforo no escuro
O riso sem razão, a madrugada
E a solidão na jaula dos sentidos

II

(A palavra estrangeira e o seu murmúrio,
Essa fuligem de chaminés distantes)

DIAS

III

Eu me perdôo agora
Pelo momento raro em que fui livre
E não me vi em mim. Vi-me em teu rosto.

E te perdôo, Senhor, o sopro aos quatro ventos
E te agradeço a tarde, a praia, o mar, os búzios
Todo o esplendor que me ofertaste um dia
E a areia movediça em que me morro

E o nada que perdi na maresia
O nada do meu nome inominado
O nada que retive para mim
O nada
Que ora ofereço em sacrifício ao nada
Que te deixo ao partir, se me abençoa
Perdôo-te, Senhor — se a mim perdoas.

DIAS

dos Retratos Marinhos

I

A família marinha se aninhava
 À linha do horizonte á sua frente:
 O avô encanecido era demente,
 Há tanto tempo já não navegava

O filho homem, de carão moreno,
 Lia livros estranhos e sonhava;
 A mãe, mulher ardente em sua casa,
 Desperdiçava girassóis ao vento

Havia só, à sombra dos parentes,
 O filho que falava como ausente
 E, nauta em sonho límpido, fugia

Havia a namorada: era Maria,
 Que por amor lhe dava displicente
 À noite, em chama, o corpo adolescente.

FERNANDO MONTEIRO

Grafito I

Erúpvias vias dúbias
 de piedade e prazer,
 luxúria e múltiplo luto
 por pena e pomba fúnebre,
 subterfúgio e súbita
 dúvida oculta
 sob a prece purpúrea
 ao fogo deus da chuva
 de cinzas e fúrias,
 que cuspiu sobre Estábias
 e ensinou Herculano a descrever.

MONTEIRO

Grafito II

Herculanum e Pompeii
 sob lava em onda
 e pó de pedra-pome,
 após uma noite
 e tudo acabar:
 cidades do sono,
 gêmeas do abandono,
 irmãs que visitamos
 com receio de sermos
 nós a acordar.

MONTEIRO

Grafito III

A casa de Afrodísias
 oferece quatro
 jovenzinhas núbias
 de pequenos peitos firmes
 e ancas muito redondas,
 que sabem cantar canções
 de uma terra de palácios
 de barro pintados de branco,
 onde a areia se acumula
 nos terraços circulares
 quando a tarde
 também se deita
 para satisfazer aos homens.

MONTEIRO

Grafito IV

Loba de Rapallo! louca
 de ciumenta fome
 do amor de Artemísia...
 Sabem o que restou
 da virago tornada
 em Medusa?
 "O amor de Larissa",
 um vinho grafitado
 nas paredes de Siracusa,
 anunciado como néctar barato
 de césares desempregados
 e *deusas* das proximidades
 das termas de Faustina.

MONTEIRO

Grafito V

Bronze sob o *duomo*:
 torso afeito à carícia
 do cone de luz branca
 no lugar mesmo onde,
 ontem, entre passado
 e pouca esperança,
 ela mal tocara no lanche
 - como Antonia, há dois
 mil anos, ante a mesa
 do sátrapa herdeiro
 de uma caricatura do poder
 de Alexandre.

GERALDO FALCÃO

Estrela de Cinco Pontas

1. A aventura dos olhos
ultrapassa as imagens
em acesos vitrais
que estruturam as noites.
2. O roteiro dos sons
dos migrantes ouvidos
é grafado em canções,
recortado em silêncios.
3. O macio da pele
vem contido na mão,
escapando entre os dedos
na umidade do sexo.
4. O perfume do corpo
crava as unhas na carne,
o mau cheiro, o suor
rega a rosa do ventre.
5. Na armadilha da boca
uma chama deitada
entre as grades dos dentes
se consome calada.

FALCÃO

Anima Mundi

Sutil essência acesa além dos ossos,
anima a sombra espessa, arde nos olhos,

é centro inatingível, brilho preso,
à carne opaca; queima a cada gesto.

Essência invisível, ramallete
de luzes estelares, estilete

grafando cicatrizes sobre os rostos,
cravadas como espinho em cada poro.

Essência que me arrasta pela mão
me perde, me dilui na multidão.

FALCÃO

Reinvenção do Tempo

Alvor da morte,
 da morte branca
 varando o corpo
 de luz da lua,
 de espumas mansas.
 Rubor de sangue
 que escorre em sal,
 que esmaga a areia,
 treme na carne,
 crava nos ossos
 que o mar golpeia.
 Negror da vida
 na luz noturna
 tisonando o sol,
 turvando a lua.
 (Dedos crispados
 prendendo estrelas
 de encontro ao peito.
 Olhos cerrados
 guardando a chispa
 dentro de mim).
 O vento grita
 vibra em agulhas
 letais de chuva.
 O vento acena,
 drapeja crepes
 me leva enfim.

FALCÃO

Sombras Concêntricas

Que sombras tão tristes...
 são tristes as sombras:
 se arrastam, se agitam,
 naufragam em cores
 num rastro de gritos,
 soar de fanfarras,
 troar de tambores.
 As sombras se atrelam
 às luzes mortíferas
 do dia empalado
 em velas votivas.
 As sombras que levo
 não carne entranhadas
 projetam no chão
 as sombras do nada.

GLADSTONE VIEIRA BELO

Configuração Rural

Os caminhos se traçam
além da seca argamassa
num gesto de animal
que corta e apunhala.

Possuem garras de baleia
mas habitam os desertos;
são filhos da litania
da lépida manhã, espectros.

Povoam altos rochedos
ou rondam, transparentes,
os mares, alçando, à noite,
itinerário de submisso medo.

Cá dentro fica o agave,
fibra coronária, destorcendo
os filetes de cana,
numa moenda de açúcar e fel.

Eles próprios se consomem,
caminhos de barro e cio,
conforme as dimensões do homem;
tanto na chuva quanto no estio.

BELO

A Lavra

O arado corrói-se
tal lâmina convexa,
afiando gomos de sol,
filamento de estrume.

Os pântanos se abrem,
e das aberturas caem
a infância e sua aurora:
o agrário entardecer.

Sombrias mãos esculpem
o capim, a varanda na tarde;
e brinca o rebanho a pastar
nas calçadas, o vestibulo.

Visão lenta de neblina
no chuvoso pasto, manso,
demarcando a areia,
sem resistência e pranto.

Na porteira o fantasma
de então, o boi com cachaço
de prata, arreios de sombras
e cólera de noturno espanto.

O Tempo Tecido

O ofício é tão exato
que se traga o minério,
abordando-se os seus planos:
tempo férreo de peneira

Os lados que se ferem,
ristes, são clemências
do inviolável gume do facão;
mina já industrializada.

Prematura horta de fruta
pão, insaciável ganância,
esse martelo que dilata
os ágeis artelhos do artesão.

Da maçã só a crosta rubra,
de encandecida artéria;
draga que se move
em torno de si, áulica.

Plataforma Norte

São ostras se desdobrando,
esses finíssimos casulos,
de onde se rompe a seda
do móvel espelho sangrando.

Também certas imagens
híbrido vôo industrial;
depois a tessitura do lance
seu orgasmo-ossadura espacial.

Sobem lívidas, entre esferas
montadas em turvo aço;
seus raios são veias capilares
estampadas sobre áspero regaço.

A plataforma é couro fuselado,
corpo que se planta, côncavo,
nas arestas da semente
de mostarda: verde alado.

As cercas de bronze fecham (a si)
os pântanos de baronesa ; talvez
o aborto das crisálidas (ou) e
o lacrimejar diáfano da corola.

BELO

Romance Campestre Inscrito
nas Margens do Rio Mundaú

Os rebanhos sustêm o sopro
da flauta, enquanto guardamos
a solicitude das estepes,
com a camisa rota de silêncio.

Cavalgar o núcleo do sêmen,
trazendo consigo o estalo
dos seixos, invólucro de cânfora,
muralha de centauro, claro Pã.

Cada abismo é uma volta
que se devota; resgate
mais caro de ovo infecundo
carnação da nudez azul.

Para tanto, a latitude obstinada
das membranas polares, geografia
incendiária que nos prende o ventre
do trigo, e aprisiona o centeio.

Descemos aos frios regatos, baixios
de águas opacas; e lá, plasmados,
devassam-se os girassóis; o eixo
da quinta clave, festim de pastores.

JACI BEZERRA

Lapiseira com Paisagem

Tua vida cabe no teu lápis: cartucho
de lembranças que se negam a morrer:

os azuis em flor da infância
aninhados na penumbra antiga,

tuas paisagens de mar e vento,
poças de verão, manchas de pássaros.

Teu lápis te condena a brunir
O que no homem é verbo e imagem:

No teu lápis cabem os teus livros,
O corpo de água e sol de tua namorada:

As imagens que sonham e se desatam
Cantando em tuas mãos como casas abertas.

Teu lápis é tua casa, os teus medos,
O teu silêncio e os teus remorsos:

O rumor dos vivos e dos mortos
Que diariamente invade os teus cadernos.

BEZERRA

Bolero Sonhando com Violão

O amor que ama e possui anda com ele,
Uma completa edição de sentimentos:

Pode às vezes sangrar, corte na pele,
Mas sem deixar cicatriz o seu ferimento.

Também pode vergar, sem que se parta,
Por ser atemporal e não ter margens:

Tudo que nele canta e se desata
Cabe no corpo, uma mala de viagem.

É livre como o verão, a chuva, o vento
E embora seja, de vez em quando, áspero,

Tem a delicadeza do momento
Em que uma nuvem se transforma em pássaro.

Impuro e puro é, por ser completo,
E mais do que ninfômana a sua fome:

Assim, se ao se entregar sempre é discreto,
É mais que primitivo quando o come.

A esse amor concede a vida inteira
Por isso, às vezes, sem saber por que

Fica, como uma vez ficou Bandeira,
Com uma enorme vontade de morrer.

BEZERRA

Fotograma em 35 mm

Seus olhos, naturalmente, são iguais,
Líquidos e sem mancha de desgosto:

Têm a delicadeza dos hai-kais
Embora cinza como o Recife em agosto.

Sendo reais, embora imaginados,
Pela manhã, ao se abrir, inteiros,

São dois pedaços de verão lavados
Pela imprevista chuva de janeiro.

Já no final da tarde ou pelo meio,
Sem que nunca ninguém os veja e aviste,

Os dois subitamente ficam cheios
De um por de sol desesperado e triste.

E quando vem a noite e ela anoitece
Os olhos aveludando, de luz fartos,

No silêncio que dorme e amadurece
Parecem possuir garras como os gatos.

No outro dia, revela o mesmo rosto
E os olhos, naturalmente, são iguais

Cinza como o Recife, sem desgosto
E profundíssimos como dois hai-kais.

BEZERRA

Mastro de Bandeira sem Bandeira

O seu país não é esse, o seu país
É uma palavra que sonha enquanto avança

No tempo, é quer alcançar, mas não alcança,
Com a inútil intenção de ser feliz.

Uma palavra em paz que, entre diversos
Sentidos, acende um que não se apaga:

E é a mesma palavra quando amarga,
Dele estando distante ou estando perto.

Verdade que não cabe no seu metro
Nem no seu ritmo, só cabe na ternura

Ou na vadia esperança que perdura
Doendo de saudade em seu afeto.

Afinal, em que metro caberia
Ou em que ritmo, uma palavra que se abre

Para alcançar a vida e, quando se abre,
Recusa os sortilégios da poesia?

O seu país não é esse, é outro: o seu
País é o que sente e anda pensando:

E um sentimento mais que leve, brando,
Perdido entre o que vive e o que viveu.

BEZERRA

Papel de Carta com Poema para César Leal

Quem entra no que crias entra no tempo
Vivido e por viver, transfigurado:

E ao sair, sai com o vivo sentimento
De que sai pelo que crias habitado.

Talvez porque esse tempo em movimento
E muito mais real por ser criado,

Vai bem mais longe do que vai o tempo
de qualquer homem à terra destinado.

E como não se entregar, vencido o espanto
De folhear esse tempo sem rasura,

Ao tempo que tu crias, se o teu canto
É poesia e aérea arquitetura?

Vida sentida e, bem mais, pensada,
Com a qual, no deserto do papel

Sozinho ergueste, palavra por palavra,
Um edifício de luz que alcança o céu.

Esse mundo que vejo e em mim mantenho,
Sei que é um mundo que o tempo não consome:

Dá porque, ainda alumbrado, venho
Bater, inteiro, à porta do teu nome.

BEZERRA

Perfil de Tadeu Rocha com o Recife ao Lado

O dia se abre como um livro novo
E nele, muito mais do que uma imagem,

Dorme o seu corpo, onde o verão faz pouso
E o tempo conta notícias de viagens.

Venceu o único horizonte rigoroso,
O horizonte da morte, e transmudou-se:

Tanto que o horizonte onde faz pouso
Pacífico é como o Recife, e doce.

Nenhuma enchente o ameaça, exceto
A enchente de Manuel que, foi não foi,

Arrasta na vertigem dos seus versos
O boi, um boi, espantosamente boi.

Certo já incluiu entre os arranjos
A fazer, vencendo a morte que o venceu,

Um ensaio, quem sabe, sobre os anjos
E uma entrevista, sem final, com Deus.

E porque no dia aberto como um livro
Sua presença se alonga e me alcança,

Teço essa renda de versos decassílabos
Para melhor guardar sua lembrança.

BEZERRA

Retrato de Ana Elisabete

É irreal no papel para onde a transponho
Com grafite e palavras: bela e mansa.

E por ser irreal ela me alcança
E ocupa o espaço destinado ao sonho.

No lápis vejo surgir seu corpo vivo
E a dimensão de um tempo que, hoje, é outrora:

Exatamente onde a poesia mora
E mora o encantamento que há nos livros.

Ao seu redor o mundo é um deserto
E Deus uma presença longe e fria:

Então construo para ela um dia
Onde Deus sempre nasce e anda por perto.

No lápis estamos nós, os dois unidos,
E quando a vejo inteira e viva e morna

Não sei, ao abraçar as suas formas,
Se ela me veste ou dela estou vestido.

É irreal, talvez, um sonho ou um verso
Na noite em chama que o grafite encerra,

Porém sei que o seu corpo de água e terra
É o dia onde amanheço e onde começo.

BEZERRA

Texto com Dicionário na Varanda

Planta palavras no papel almaço,
Claras a maioria, outras nem fanto:

Mas pode, assim fazendo, inventar pássaros
Ou prender no papel os seus espantos.

As escolhe, em silêncio e de olho aberto,
De preferência aquelas que, mais alvas,

Depois de impregnadas pelo afeto
São muito mais sentimentos que palavras.

E usa mais as frias, que as em brasa,
A depender do uso e do momento,

Embora tendo o poder de criar asas
Podem ser arrastadas pelo vento.

As frias não, porque menos usadas
E preferindo à luz do sol o inverno,

São, por essa razão, mais adequadas
A dar voz ao silêncio dos cadernos.

Inclusive, é bom lembrar, deve ser fria
A hora em que as usar, a hora e o instante,

Para que no caderno a poesia
Diariamente amanheça e o mundo cante.

BEZERRA

Edição *Princeps* das Lembranças

Na condição de homem adulto,
Até onde vai a lembrança

O bem de sua estima, oculto,
É a edição *princeps* da infância.

A única, entre as edições vividas,
Que guarda como foi impressa:

Também a única na qual a vida
Dorme, acorda, anda sem pressa.

A essa edição conhece de cor,
porém lê ou folheia todo dia:

E sempre a lê pausado e só,
Como quem recita poesia.

As várias edições que o compõem
São, todas, plenas de sentimento:

Nenhuma, porém, se põe em pé
Com tão intenso alumbramento.

Folheá-la é reencontrar o encanto
De ser, outra vez, criança:

E repassar, espanto por espanto,
Uma antologia de lembranças.

MAJELA COLARES

Murmúrio que sorri atrás da porta

Murmúrio que sorri atrás da porta
desmantelo de noites e sigilos
povoado na brisa que transporta

os zumbidos de estrelas e de grilos
que mergulham as noites em segredos
desvendados no sopro dos cochilos

sob a mira dos risos e dos dedos
contornando destinos presumidos
em caminhos de fugas e de medos

feito passos em sombras esculpidos

COLARES

Se confunde nos versos que fez Dante

Se confunde nos versos que fez Dante
quando amor e razão foram divinos
mas se o amor é silêncio conflitante

por quê e para quem dobram os sinos?
Reticente será a mão que pensa:
por saber dos possíveis desatinos

é que o senso comum não se condensa
para ser incomum se necessário
sob o impulso anormal da hora intensa

um verso desmedido e refratário

COLARES

Onde cabras remoem seus balidos

Onde cabras remoem seus balidos
e remoem também as madrugadas
que congregam os ventos remoídos

em pétalas de escumas machucadas
na feroz viração da folha presa
viração de águas murchas represadas

entre a nuvem ferida e a pedra ileza
intempérie de pólos uniformes
oscilando entre a quase forma avessa

unidade impulsiva e multiforme

COLARES

Nas vértebras remotas dos espinhos

Nas vértebras remotas dos espinhos
se define o saber da mão intacta;
na angústia do papel, dos pergaminhos

a mão leve e vazia, mão sensata,
se recusa a escrever qualquer poema
- a mão sabe a razão da linha exata

mas não sabe a razão da linha extrema
rascunhada nos versos cometidos
esculpida nas bordas do fonema

densa linha de ocasos convergidos

MARCO POLO GUIMARÃES

Objetos de Marcelo Silveira

Esta árvore recortada
em coluna vertebral,
em lança e ponta de lança,
em canoa fluvial;

este objeto deitado
na parede ou pelo chão
tocado pelo olho vivo,
pela carne viva da mão;

este artesanato limpo,
onde o vazio vira forma,
onde o oco ocupa espaço,
onde até o nada informa;

esta madeira elegante
- árvore em nervo despida,
- madeira em osso cortada -
manteve da árvore a vida.

GUIMARÃES

As Telas de Bel

A pele é pele feminina
nas telas de Bel Barcellos,
eletrifica a retina
e eriça todos os pelos.

A pele é pele matutina
nas telas de Bel Barcellos,
é uma pele de menina,
acesa em véus e enredo.

A pele é quase purpurina
nas telas de Bel Barcellos;
é brilho e cor, e ilumina
o sonho; lâmpada, vela.

A pele é pele repentina
nas telas de Bel Barcellos;
aparece do nada e refina
o olhar de quem vê-la.

A pele é pele feminina
nas telas de Bel Barcellos,
dedos e rendas, desejo, surdina,
arrepio de pele e pelos.

GUIMARÃES

A Anunciação de Tissot

o anjo
é um estranho rosto em luz branca
com asas transparentes

ela está caída ao chão
envolta em panos como um cadáver
aniquilada
ante a notícia

dela mal se vê
uma nesga de rosto à altura dos olhos
as coxas unidas
o volume dos seios
o corpo e a cabeça que se curvam

é uma mulher num quarto cheio de tapetes
e um fantasma

ela é outro fantasma

GUIMARÃES

Relógio de Sol

O relógio de sol mede com estilo
e elegância o tempo que não pára,
com uma coluna de sombra firme
e nítida no chão de areia clara.

Com o tempo, não faz ruído, e,
como o tempo, é lento, mas surpreende
pela velocidade; como o tempo, é elástico,
largo, fino, longo, curto. Entende?

Só que tem mais mistérios, ele só
funciona com sol. Ou não? Será que
sob a sombra continua moendo seu pó?

E, sob a chuva, escorre a sombra
da morte sobre a vida e vice-versa?

E o tempo continua quando a noite tomba?

GUIMARÃES

Este Reino

Sob o mar, sob o mar, entre os corais sem nome,
lá onde seres alvos como a luz refletem sombras,
há um reino azul, um reino onde as palavras perderam o som (e eu
sonho a selva
de algas que esconde este reino dos homens).

Lá no mar, lá no mar, lá no fundo do mais negro mar,
entre placas de silêncio aço, entre muralhas e tumbas,
sob uma luz que não há, atrás de uma cortina de chuvas,
está um reino palidamente azul além de toda memória.

Um sol de silêncio abre as asas molhadas. O mar
agora é de areia ora é de mar. Não há
nada a que se possa comparar este céu deserto de pássaros.
Cem mãos de cal calam qualquer grafite.

Não há luar, oh! não, que se mova
por estas planícies desoladas (em terreno assim acidentado
é comum nos depararmos com cadáveres semi-enterrados, mãos
crispadas, olhos sem pálpebras etc.)

Uma lesma percorre o domingo. Um bocejo alonga o domingo,
Um longo e lânguido gesto de adeus pára o horizonte. Um monte de
feras adormecidas e eninhadas feito serpentes
bêbadas. E o reino pálido em silêncio.
Sob o mar, sob o mar, sob este céu deserto.

GUIMARÃES

O Leitor; o Escritor

enquanto a noite pinga
lentamente sua tinta
e o sol se despedaça
na funda mina da mente
navegas um mar repleto
de sangue e ar, mar completo
de dança e gesto, discreto
perfume e lâminas claras
secreto labirinto e franca
viagem na página branca

GUIMARÃES

Paisagem

Corvos num campo de trigo
medem a extensão do silêncio,
este silêncio que é vácuo,
este silêncio inimigo.

Voam com asas quebradas
sob um céu deserto de tudo,
dentro de um vento infinito.

Quem pode ver na paisagem,
nesta paisagem calada,
algo que cale o presságio?

Corvos num campo de vidro
(corvos num campo de neve)
neste silêncio há um tiro.

GUIMARÃES

Blue

Com Eric Clapton, um branco,
aprendi um pouco de blue;
o toque mínimo da guitarrra,
a busca de perfeição,
Aprendi que música não tem pressa
e o tempo
é uma coisa a ser tecida.

Com Roberto Johson, um preto,
aprendi um pouco de blue;
que música é outra maneira de dizer silêncio.
Aprendi que só valem a pena as palavras
que mudem a cor do dia.

GUIMARÃES

A Marca

Seu traço +e reto, mesmo circular,
por que é limpo (água de alguidar,

água que lima o sujo ardor da sede),
porque alarga mesmo quando mede.

Seu traço é limpo como um sol de prata
(se prata fosse a cor de um sol de prata).

Seu traço é limpo como um fio de espada
(tão fino quanto o nada sobre o nada)

capaz de recortar a madrugada,
capaz de desenhar um Z na alma.

GUIMARÃES

Cuba sob o Sol

Cuba sob o sol
gosto de cana e mel
som de rumba

Negra a tua pele
me queima, a tua pele
me acende, a tua pele

rescende a cravo
e pimenta

Cuba sob o sol
gosto de lama íntima
som de rumba

MARIA DA PAZ RIBEIRO DANTAS

O Poeta e a Linguagem

Por te querer, tropeço e me desvio
 Das rotas consentidas.
 Afundo em tuas águas de amavios,
 caprichosa armadilha.

Urdindo a sedução de estranhas pistas,
 além dessas areias,
 perversamente, assim, sem que eu resista,
 me atraís para as sereias.

Quem escapa às insídias desse jogo
 de entrega e de esquiva
 que lega, a quem quer, prazer e logro?

Sinuosa, que foges dos amplexos,
 Tu vives da vingança
 de rebentar os laços e outros nexos.

DANTAS

O Mar às Portas

Estar aqui é como entrar no Tempo,
 regressar ao seu ventre.

O mar é o som
 e me devolve ao espaço em que me sonho
 dançarina em seus prados de azulejo.

Em mim o vejo
 no exato átimo em que, ao abrir a porta,
 em meu olhar ancorou, mas tão relâmpago,
 inesperado e espanto.

Ó mar visível
 no horizonte irreal, aceso e enorme,
 já prestes a invadir-me a casa, o corpo,
 em assalto e em sobressalto, além do Porto.

DANTAS

Marinha

Do mar em lâmina,
ferina e astral,
sangra a dimensão
horizontal.

Meu olhar lavado
em assombro e luz
percorre esta ausência
de tempestade.

Não há norte ou sul
por onde escapar
ao chamado azul
deste navegar.

Litoral do início
onde me exercito
entre o salto e o vício
de velhos abismos.

Marco meu começo
nesta direção.
Fundo um endereço
na solidão.

TERCEIRA PARTE

Velhas Sentenças

*velhas sentenças
nas photos
do satélite Dante
nas photos
do satélite Edward Hopper
eu vi
as vendas de mim
ao sol
convite
a claridade subterrânea*

*todos na Biblioteca de Babel
todos na Biblioteca de Alexandria*

*desde Sófocles
vagamos na mesma agonia
pinta
cego Sábado
a fissura do átomo
pinta
cego Sábado*

*avesso ao Progresso
sua anti-Enciclopédie*

DELMO MONTENEGRO

MONTENEGRO

René Guénon

eu vi o futuro
e eleestá morto
"o árabe é a língua do paraíso"
(Almansur Haddad)

ouvem-se os pássaros de Cage:

mictório de poeta
em NY
onde solfejam tubarões
marinettis bêbados
e vândalos da tempestade107, Bank Street
New York
NY
SNY, 10014
USABem vindos
a poesia nula
ao poema nu
da
carne do som
no meu tûmulo eletroacústico

MONTENEGRO

eletro ac
oa
c
tic
ac
a r canjos
suspiram
pro nobisa cidade vegeta
Ray Johnsonvocê ainda me escuta?
Andrei Tarkovisky agora
escuta as canções do plenilúnioagora cachoeiras
de Bach
eu fico surdoo mantra
verde do meu ego
e vermelho das minhas verdades
ainda ninguém achouque faremos nós
pistas deixadas
em obras inacabadas
de nenhum autor
com as photos de Shakespeare
o mago de Cagliostros

MONTENEGRO

escamas
 veio de colmeias
 complexas
 Piet Mondrian
 um dia
 as invejou
 como Braque e Picasso

também

composições eternas
 Robert Smithson para desenhar o inferno
 Anselm Kiefer para desenhar o céu
 quem sou eu

na plataforma dos desperdícios
 dos tubarões cegos
 chorando a morte de Eleonor de Aquitânia

poema é
 cruza entre céu e mares
 azul sobre o azul
 distúrbio é o arquipélago
 e o olhar que avista a diferença

MONTENEGRO

eu
 anjo sem asas
 de uma cidade sem músicas
 me motivo

a deflorar
 esse sonho de pedra
 que transformou
 em linhas de aço
 minha dúvida

e espero
 retornar a minha condição
 primeira
 de mares de lua

que seja o poema do aço
 um pouco da riqueza
 de que tenho me armado
 de sonhos e bossas
 de cantares que nem a brisa
 esparsos

algo que
 deflagre
 a morte do Ocidente
 como a morte de Narciso
 algo que nem a tapeçaria do Ramayana
 um ópio para a Kali-Yuga
 a santidade em nossas mãos
 o poema absoluto

MONTENEGRO

mas Set não sibila mais
 só a sobra da cobra
 aqui jaz
 é
 a prosa
 o esqueleto da rosa
 que nunca
 nascerá
 é
 a prosa
 o esqueleto da nova
 que nunca virá
 partidários do Poema Processo
 queimando livros em praça pública
 dadaístas com o status da Entartete Kunst
 futuristas de braços dados com o Fascismo
 Augusto de Campos
 omitindo o Concrétion
 do pernambucano Vicente do Rêgo Monteiro
 não se esqueçam
 dos poemas-carimbo de Oswald
 das colagens de Jorge de Lima
 nem todos somos paulistas
 mas somos todos profissionais
 diria Harold Rosenberg
 as prostitutas da linguagem
 diria eu

MONTENEGRO

entre Jesus e a cocaína
 entre Jesus e a vagina
 entre Jesus e a caída
 orelha do soldado romano chamado Van Gogh
 que ira? que vida? válida é a bebida?

 caíam poetas
 de tanta bebedeira
 Mohammed não precisa
 de você
 nem da Imprensa
 ou me engano
 e tudo isso não passa de mais
 uma das
 ilusões do Barroco
 como nos sécs. XVI e XVII
 quando o Ocidente
 parecia querer cair
 diante do seu Espelho
 será Narciso imortal?

MONTENEGRO

isto não é poesia
 entre os dragões
 lúcidos

torpes insones
 de uma cidade a cores
 o seu dia virá
 montado no Baruk
 ou com a perfeição do kindjal
 O Ocidente cairá
 seus sofismos
 de plástico e silício
 ante o fio exato
 da seda

os poetas mortos
 de luar
 as coisas perenes
 de casar
 barro com nuvens
 me entendem

MONTENEGRO

Eleonor
 foi minha ave ligeira
 mas o mundo não aceita
 mais o Nosso Amor
 o que importa agora
 são as referências
 colagens
 e intertextualidades
 pobre Hagoromo meu
 todo destruído
 o que será
 das harmonias
 na Casa de Han
 pobre Aquitânia

*Aqui chegamos: a uma ilha de elegias,
 a um ponto de lástima num saltério.*

*Há um ponto muscular na chuva
 aonde chegamos, carpas de um aquário
 de cromos.*

*Bem perto estamos – essa chuva tecelã
 de uma dúvida atada à pregos de centeio.
 Há uma dúvida dentro dos fermentos do acorde,
 da qual estamos perto, do ferrão dos clavicórdios,
 talvez seja, decerto, da viola dos incertos.
 Estamos longe e perto, ânsia e ciência
 num-xadrez celta,*

*dessa ponte, desse ponto na pata da
 criança líquida.*

*Vindos ao concerto atraídos por este
 istmo de âmbar.*

MONTENEGRO

A Galeria Vive

a galeria vive
 testando
 tirésias
 em túnel de ar
 \$

buddha interfaces
 ao redor
 da baía
 compradores em potencial
 no ônibus de turista

3 papas
 pinçam
 3
 bardos
 para agora
 já
 nervuras de milhares
 a arte
 está
 no
 milharal

MONTENEGRO

Ode to Nam June Paik

fóssil elétrico
 montanha de televisores analógicos
 a cabeça pensante no deserto de Gobi

está
 sem fios

à procura de plânctons

oh cello
 chinês

e a velha caligrafia humana
 e a praia de veludo dos sonhos de alcácer-kibir
 ??

MONTENEGRO

O Cão Lingüístico

o cão lingüístico ou
 a fundição de pêlos S/A
 socado pelos marchands
 ou o grande espartilho cósmico
 interagindo com as assemblages
 do teu focinho de romance a óleo
 que jorra dinheiros verdes
 como um girassol
 no plexo-sutra-em-si de 100 seios
 de Shiva sonhando na madrugada cármica
 o cão algébrico ou
 música barroca na histeria de Newton
 poemas com microtons
 entre académicos sem sinestesia
 criaturas de frottage
 outro crayon ou néon neolítico
 entre nós as obras-primas do acaso

MONTENEGRO

Bellow Utopia

como jeunesse e merde
 como
 como
 como
 no banquete do inferno
 como
 como
 como
 decálogo decameron diário
 que verti: inverti?
 che luciferino translattore!
 bah!
 blow up ... féeries!
 casi si.
 ek thánatos?
 me iludi.
 (rainha é a palavra)
 o resto é carne
 putrefatio
 ex-nihil
 no ânus
 no ânus
 um plano
 um plano
 piloto para
 piloto para
 o hades
 o hades
 prolixo eurípedes
 prolixa perséfone
 para este
 para este
inferno

FERNANDO DE SOUZA

A Sorrateira Paisagem

De vácuos entre papiros
 cristais reluziram góticos andares
 um turvo outro sedento
 este ténue aquele cansado
 mais-leve-que-o-ar
 Todos num círculo feérico
 num apagando-acendendo

Até uma gota de luz
 em perspectiva de topo
 incandescê-los o movimento

Mandala circunférica
 desenhada sobre uma praia de nome distante
 um instante banhado de tempo
 um foto apagada pelo mar

SOUZA

Alma

Parte em luz silente
 Momento icônico refratado
 Cálice de cristal vazio e claro

Luz soberana e tardia
 Murmúrio azul de nada
 Fragmento turvo e deitado

Voa tecendo e cedendo ...

SOUZA

O Arco do Violino

Caiu sobre o silêncio da corda
 numa lágrima sem dor em tom menor
 espargiu em onda de azul quase azul
 límpida e doce e trêmula ressonância

Onda sem espuma
 véu de tecido de carne marinha
 maresia sustentada de verde circular

Foi indo lento em acordes de lua
 até parar no escuro do horizonte ...

SOUZA

O Vício da Manhã

Acordou antes do céu
 mais azul que o vento
 o coração estremeado
 pela primeira brisa sem sono
 a voz embebida em silêncio
 e os pés ainda por pisar o frio

Sangue e nervos e pele
 a última palavra perdida
 num gesto alvo de manhã

Abriu o sol bocejante
 acendeu sua luz calma
 e sorriu ainda em sonho

Os braços em arco
 levantariam um corpo viajor
 de quem partirá um dia
 aonde nunca foi

SOUZA

(sem título)

Navegam montanhas de nuvens pensas
deslocando-se em eterna avalanche cinza

Uma andorinha desassossegada
rasgada em destino flutuante

Chega o sol abre o lago
enforca-se à luz encoberta
num contrastante fenômeno de calor e de asas

SOUZA

Vir-a-Ser

Vida película delgada
Crosta sedimentada em alma
Sons de memória dormindo
Acordes de luz dispersos

Dinâmica de centelhas rubras
Aquiescentes calores concêntricos

Uma a uma rasgadas membranas
Além-mar de noite tardia

JACINEIDE TRAVASSOS

Veneris Dies

os ventos sopram chuva branca
 pombas em vôo sólido navios de pedra
 sonorizam o silêncio vítreo das horas
 brumas brunem a tarde sépia
 asas de borboletas quedas da aurora
 as folhas rugem eloquência de mar exilado em Chipre
 amor
 chuva dos olhos em ilha

TRAVASSOS

Ulisses e o Silêncio das Sereias

nos olhos mulher cindida em azul e carne
 carne em nudez de matéria
 pedra
 ulisses ferindo os pés em geografia marítima
 nos olhos o sangrar da memória
 lâmina sulcando os mares
 enunciando Iíadas Odisséias inventários
 catálogos de navios gregos
 nos olhos o sumo dos mares ondulando os lábios
 em sílabas aliterações cores sinestésias
 e fruto envelhecido das vinhas
 nos olhos a geometria dos ventos
 marulhando folhas em fúria
 o verde quedo das folhas anunciando o outono
 o estio o não orbitar o tempo
 nos olhos

TRAVASSOS

Natureza Móvel com Cavalos Brancos
e Vermelho de Orvalho

Os cavalos brancos galgam terra seca
galgaz umbral de morte
ramagem galhada de arvoredos
as abissais profundezas do peito

O suor do céu escorre azul
sobre o vermelho coágulo do barro
a terra seca ara-se de orvalho
às cegas seguem úmidas as horas

A saliva do céu
derrama-se na umbria terrestre
salina o som insípido do tempo
salmea o acorde das cordas de sol
matiza violinos-sépias
sangra o galope das veias
sobre o branco crina dos cavalos

TRAVASSOS

O Vento Vivendo na Casa

vento chuva mar talharam-se no teu corpo
apartar estações em ti foi-me impossível
vaguei ruas como folhas deserddadas do outono
fechei os olhos para solver a chuva
traços verticais na horizontal do dia

naveguei no teu mar corpóreo
roubando-te estrelas marinhas para emprestar à noite
mergulhei no teu céu sem vestes
tingindo-me azul tēpora tronco e membro

colhi versos nos teus olhos aportados por girassóis
violinos deitaram adágio sobre a pedra de ti
cânfora casa de luas submersas lírio e orvalho

TRAVASSOS

Noturno do Verde

a cortina de mar rasgara-se
 dissolvera o cinza das nuvens
 no azul do céu
 os olhos fracionados
 envolto no véu das águas
 ouviram a chuva profanar
 o silêncio da lágrima

houvera tempestade de mar
 nos olhos a espreitar o tempo
 úmido do branco das paredes
 nas mãos navios de mármore
 a singrar a bruma náufraga
 do porto ausente

houvera tempestade de olhos no mar
 ilusão derretente e palpável do verde
 mar só aos olhos
 nas mãos
 verde
 mar em transparência
 lágrima colhida das águas

TRAVASSOS

Matris Dies

címbalos soam a palavra
 Sangarida
 sopra terral no ostensório do meu nome
 teu nome
 pedra
 recifes à flor das águas
 cinge aves do mar e peixes
 amotinando-os ao verbo magro dos viajantes
 Sangarida
 tuas veias marítimas sangram o signo
 habitam-me o ventre
 ressuscitam sereias nas siremusas
 anunciam o sal
 não só *vermelho cor da tarde*
 Sangarida Sangarida
 o sangue principia novo nome

TRAVASSOS

Solau dos Ventos

O vento halitara
 secara na folha o orvalho amanhecido
 amor
 folha verde amarelando-se
 fatos matizando-se em falhas
 olhos debruçados sobre a copa das árvores
 farfalhar de folhas quedas
 amaciando fruta prematura

A memória proferira o vento
 nas mãos em brasa
 avolumando os seios
 a boca nos seios brancos em brasa
 jorrando água
 volátil condição da chuva
 amor
 falena
 mariposa em folha retorcida
 tentando aplacar o fogo das asas
 na árvore que se queima

TRAVASSOS

Natureza Móvel com Flores de
Lótus Azul

Sobre as mesmas hastes
 na brancura turva das águas
 desabotoara duas flores de Lótus azul
 os olhos e as mãos perdem-se
 da azulidade das pétalas

Os olhos interditos
 côncavos passivos
 galgam a terra branca
 sorvem o vazio noturno da ausência
 era glaciária

A terra branca
 desfaz-se em mar
 os marinheiros despem-se do porto
 suas mulheres retornam à casa da bruma

As mulheres saudosas
 deságuam-se na terra desfeita em mar
 fuga do branco em azul
 o ar as transforma em estátuas de sal
 impera o branco

Os olhos úmidos silentes
 ouvem o som das liras
 num gesto órfico
 voltam-se às flores de Lótus azul
 o branco furta do azul a cor

MÁRIO HÉLIO

Katorga

há uma hora exata a morte esguia
 passou nesta rua e deixou um recado:
 para desocuparmos o sobrado,
 sem reação, nenhuma valentia.
 éramos em seis. um que obedecia
 sempre a ordens severas – o ordenado
 da vida – fugiu logo, bom criado
 em meio ao temor do meio que temia.
 há uma hora enfim? não sei, havia
 o caminho que nunca é palmilhado.
 me ponho no centro calado e cansado
 medonho e sem rumo, eu choro agonia.
 seis c + r + u + z + e + s + na estrada a morte que + ria.
 a morte é o ocaso ou acaso aguardado.
 um outro que não queria ser herói,
 queria ser só seu, com liberdade,
 segundo as informações da verdade
 igualmente outrossim também se foi.
 transhistória que corres e corróis,
 este era gêmeo meu. que crueldade
 há em cada um que a vida invade
 que quando não cega nem nos mata, dói?
 fechou todas as frestas um terceiro
 e misteriosamente sumiu.
 perdemos mais um nosso companheiro
 quando uma das vigas da casa ruiu.
 o que ficou comigo era um cordeiro.
 lendo um pouco pra mim me distraiu
 com os versos de um poeta ligeiro.
 este era da morte o mensageiro.
 bebeu (que lhe dei) algo caseiro,
 fechou olhos e sonhos e dormiu.

HÉLIO

só eu fiquei com a minha sombra dura +
 como a pedra que sobrou, como os duros
 comungam com os concretos puros +
 como? em segredo, co + a + gula a amargura +
 como posso ser feliz à procura
 dos mortos amontoados nos monturos
 onde dormem paliúros, tisanuros
 que a vida sem piedade enclausura?
 o medo é o que me restou de ternura +
 a vida acre + dita seus rumos e muros
 e nós (os mais sós) sonhamos no escuro.

HÉLIO

Elegia

soube que mudaste.
 confesso que ao te ver ~~é~~ não mais ver-te
 não entendi porque o tempo,
 que tudo verte, não te fez logo uma flor,
 dessas sem haste,
 ou não te tornou logo uma ave medonha em seu vôo.
 bem poderias também ser como lua
 que vira só o que é.
 ou serias algo lembrando enfim o que conflui
 para tudo com que te parecias.
 não sei se já pensaste nisto (como tudo é antigo)
 mas todas as pessoas
 têm outra imagem afim que não a sua,
 e a semelhança às vezes tal similitude alcança
 que a gente não nota a mínima mudança:
 para cada pessoa que existe (viva ou morta)
 há uma planta igual a ela,
 há uma árvore que se porta
 exatamente como aquela pessoa
 ou pelo menos algo dela ecoa;
 o tanto mais que ela pode ser pouco importa.
 assim contigo: que a vida fizesse
 ser como o que se parece
 e não como o que perece.

HÉLIO

nada mais podes fazer,
 nem há nada que se possa fazer em tua ajuda.
 no teu estado é sempre madrugada.
 invejo agora a tua indiferença
 diante de mim e de tudo o que pensa.
 embora eu saiba que tudo isto ignoras
 e que faço pra mim mesmo esta elegia
 gostaria de pensar que gostarias
 de saber o que eu mais queria agora
 nesta primavera,
 não o que o tempo te fez,
 saber o que tu és,
 não o que
 heras.

HÉLIO

Nós Cegos

o que fazer quando há no olho
um corvo que consome todo rosto
e as asas nada mais são do que pontos
onderrame o silêncio estranho corpo
inominável espelho que vê outro
tantalizando algum narciso morto?

o que fazer quando no morto
há um mocho que se enxerta dentro do olho
que tem a falsa memória do outro
e finge ser o sol perdendo o rosto
de um espelho partido no seu corpo
abominável feito só de pontos?

o que fazer quando os pontos
são grouns que contaminam o orbe morto
deitado num céu branco e reles corpo
como um riso tão dor que fere o olho
e pode até carcomer todo o rosto
feliz de nada ser bastante outro?

o que fazer quando um outro
pombo aprendeu a debicar os pontos
que cosem as linhas das mãos e do rosto
lei secreta que pesa e mede o morto
e pede a mesa onde se corta o olho
porta que fecha e esmaga todo o corpo?

HÉLIO

o que fazer quando o corpo
quer ser algum condor com vôo de outro
abrindo ávidos vôos dentro do olho
espelho macerando os mesmos pontos
quando a razão se perde e tudo é morto
e o que se vê não é mais que outro rosto?
o que fazer quando o rosto
é um sol já murcho, e quando o estranho corpo
dos pólos toma sempre o rumo de outro
e o que encontrou foi um nome de morto
que entra na terra e escreve: deus é um olho
silente e macilento mais três pontos?

PIETRO WAGNER

Aves

assim que foram feitas as horas
 um pássaro voou pela eternidade
 voou pelos ares tal pássaro que era
 voaram com ele todas as esferas
 erguendo os arcos
 além das colunas, além das estrelas
 erguendo o lume já visto
 o lume, as eras

voava tal pássaro, ave que era,
 voava tal pássaro e os verões
 levava nas garras, tão garras que eram,
 levava uma tempestade de não às mãos e às guerras
 às guerras de pássaros, guerras,
 e os infernos e as primaveras
 e todas as cores de uma calmaria
 continham-se continham-se
 como não se contém as alegrias
 e era o pássaro um pássaro
 e era a terra a terra

pássaro e terra, astros
 naves navegadas
 pedras de dias claros, pedras
 levaram seus nomes aos profetas
 levaram seus dias ao ocaso
 e pedras e astros,
 que eram, tão sangue são as terras,
 tão barcos os barcos,
 tão poucos os metais e as estrelas,
 que pássaro e terra pousaram

pousaram num prado vasto
 um vasto solo sangrado
 um só um solo sol de mastros
 um só um sol de mar e astros

WAGNER

mas se faz na tempestade o metal que sim
 o metal e a lástima desse sim
 esse timbre de mortalha que se ouve quando os sóis pintam
 as águas que se vão, as águas que se nuvenficam
 verões sem pássaros

e desde estas tempestades
 destes pássaros, destes não
 desde a primeira matéria à primeira carne
 da primeira luz, os primevos lumes
 as primeiras horas dos rios
 viu-se voar por sobre as pedras, estes ares
 um ritmo de asas várias
 ritmo de aves despertadas
 que por todas as nervuras do eterno
 fez cair a tarde
 lágrima e minério de tempo
 que fez do sol a estrela do dia
 e dos pássaros a manhã de todos os nomes

para deixar a noite cobrir as casas com a cor e as horas da eternidade

WAGNER

Anuário 2
Logofania

depois do teu nome já todos os nomes te dizem
e as aves que te levaram no inverno
calam e esperam.

agora já tens todos os nomes

agora já és em todas as terras

e os mastros e as esferas
e todos os meses do ano te esperam

agora já tens teu dia
que ergues pelas eras a dividir os ares
a dizer que sal e terra,
o mar e as tempestades,
temperam teu sangue
porque já é tempo das gaivotas
e levas na mão o vento
que estas aves esperam
que estas aves te deram

agora já tens os nomes
como bússolas fiéis - nelas confia -
agora já és os nomes
como mastros de pedra - eles te adiam -
agora já vês que os nomes
são ondas de terras
os montes e as cercanias
que vês quando vens sobre as ondas macias

WAGNER

tua nave singra agora todos os mares
em que teu sangue está,
todos os poentes
em que se elevam cânticos aos ventos
onde se espera o mar
e o mar é este mesmo vento
onde tudo e todos e todas as memórias
dizem de ti como diz de ti a história
como digo teu nome e os elementos
cessam o império de todas as coisas:
o tempo

agora empunha teu nome contra os vendavais
para que os continentes possam ouvir
este nome ulisses que as ondas escrevem na areia

WAGNER

Dia de Todos os Dias

(manhã
 e tudo e a terra, nas horas das pedras,
 manhã
 na mão o pouco de sol que o dia traz
 manhã
 e fora da casa um vento que leva
 manhã
 aos olhos que todos os dias saem)

levavas pela manhã, inteira braços,
 o pássaro de plumas de mormaço
 que teus olhos viam nos dias calmos
 voando acima das nuvens de outono

e com ele numa alegria branca
 que em torno de ti respirava
 folhas, tantas folhas, dançavam
 que as casas encheram-se de olhos

e as portas deram caminho aos passos
 e os passos foram a manhã da estrada
 que sem cuidados recebia a sombra
 das folhas, no dia em que todo o vento
 soprava-te dalias pelo tempo

WAGNER

e em tudo havia um certo rumor ou euforia
 como se as mãos, esquecidas dos templos,
 levadas ao ar, que as aquecia,
 espelhassem a lâmina de luz macia
 que o sol fazia chegar à estrada
 - e a estrada ao dia -
 para que todas as casas e as vigas
 olhassem, olhassem
 a dança das folhas e do vento
 para que todos os olhos
 dançassem, dançassem
 nas voltas e voltas que o vento fazia
 e em torno de ti, numa alegria,
 o branco e o dia saíam
 a dizer pelo mundo
 que uma parte terrestre do sol
 fez aquela manhã com um fio do mármore estelar
 que as alegrias levam quando amanhecem
 a dizer pelo mundo
 que tu, parte de sol, parte de vento,
 sorriste ao dia
 e ele devolveu-te um aceno

WAGNER

Tudo que há no dia

do mar e das pedras e do mormaço
de tudo que vá ou voe,
mesmo de lâmpadas e passos,
diga-se das coisas
que podem conceder aos astros
a matéria, maresia ou aço,
o dia, assimetrias ou arcos,
diga-se das coisas
- como são coisas os pássaros -
que são coisas e não mastros

e como coisas são largas
qual casas, portas, vales
rios, chuvas, lagos
praias, mares, barcos
e os restos lunares
que o dia entrega às varandas quando nasce,

possa-se dizer às coisas
que parem o dia em um átimo
uma parte menor e sempre
apenas uma linha de sol
- uma linha somente -
e ela será das coisas,
como o dia é do continente

como ela será as asas e as aves das asas
enquanto a tarde não se aquece
até que o dia todo seja contrário ao mar
e as varandas já não estejam acesas

WAGNER

Do que se ouviu um dia à tarde

agora não trazes mais que o sol
esta esfera que ao fim da tarde
acende as janelas e argentina a casa

e apenas esperas pelo fim da tarde
para mover-me os olhos e as estrelas
pela noite que deixas a noite inteira

um dia, enquanto o sol adiava-se ainda,
ouvi nos pássaros, aquela hora pousados,
que tu e o timbre de tua nave
pelos metais lunares
aquela noite sairiam

parei, olhos e medo,
parei à espera do silêncio
do átomo ou euforia
que naquela noite aumentada
pudesse guiar-me os dedos
para ali e além das coisas,
montes, estradas,
onde estavas
tu e tua nau madrugada

SÉRGIO SOARES

Oh

Celeste demora eu te ver por acaso?
queria coragem para trancar a chácara
e cobrir os quilômetros de outra tarde

“oh meu queimador de iurtas”
tu já virias zombando
com teu jeito apalermado de espirrar água
quando montas tua carroça
puxada a golfinhos

Celeste quase tudo o que sei
de amargo aprendi longe de ti
de modo que o que há para lembrar
das fábulas que instauramos
é vazio com gelatina
paramécio de pelúcia

acho que vou te esquecer Celeste
estou pensando em guardar apenas
a cola verde que expelias
nas horas tantas de tédio

é
o farei se não te ver mês que vem
arrancar-te como quem se livra de carrapichos na meia

mas não te vingues de mim
vê: quando ficavas pequenininha
toda vez que eu sumia no bambuzal para caçar
ah eu não sumia de lonjura
era só eu ficando miudinho também
de orgulho das uvas espremidas
por tuas mãos nervosas
em teu seio de musaranho

SOARES

A Graduação

por quarenta e sete dinheiros
recebi o homenzinho
para ensinar a arte de vencer o vale

luto há tempos para quarenta e sete dinheiros
multiplicar por quinhentos

eis boa quantia em frutas soníferas
para não perceber passar o dia
em que o homenzinho desaparece na montanha

Epilimno

nunca bordou-se de singelas ondinhas azuis
 o lago frio
 nunca foi cisterna por cujo brilho
 via-se plâncton
 existiu - como é o comum nos dias -
 com demasiada pouca luz
 mal se distinguia o extenso lodo
 que afinal nunca fora muralha assim tão mordaz
 nunca o lago frio coalhou-se de gansos
 os últimos fugiram sem grasnar
 da sombra dos salgueiros
 nunca pôde haver inverno branco
 sob a sombra dos salgueiros
 nunca se soube o sabor da pouca água
 porque se desprezava com simples olhar
 as poças pululantes de camarões
 era remoto de qualquer rio
 entre três montes humildes
 só cheirava o vento forte
 a longos juncos amarelados
 aroma até doce
 se vagasse em brisa
 que no frio do lago nunca houve
 e durou tanto

Drama

em verdade não é mais belo
 o vôo do ranforrinco

atenção e notarás
 como hesita um de seus braços
 como se o espaço baixo fosse vastidão
 e mãe dramática a vociferar algemas
 como seus olhos repitílicos estão cheios
 da falta de brilho de quem não encontra sua paz
 e não a busca
 e nem discerne os seres que lhe causam
 esses embriões de pavor

o ranforrinco já é o assombro
 de hibridez e esterilidade
 vôo alçado ontem
 e urgência de repouso
 mas não se poussa no chão do futuro

não funciona por enquanto
 a vida do ranforrinco
 se ele soubesse que à frente
 do ir está apenas a morte tamanha

SOARES

Praia

o oceano priva de um punhado de areia
 a restinga a cada dia
 sei disso
 e vendo-me de longe
 vão me supor o monge sem fé na lânguida linha ocre
 vão achar
 que me despeço do refúgio
 venho à restinga fartas vezes
 desde que me proibiu desta dor meu pai
 mas já vinha antes
 cheio de medo das aves pretas e redondas de grasno difuso
 só chego aqui em alvoroço
 e pela primeira vez o escorpião gordo se apresenta a mim
 - ele que antes só solfejava dos cascalhos -
 lógico que me desafia
 como previa meu pai
 se perco agora
 me perde a restinga
 se venço apodreço
 numa cripta de vida que o oceano não poupará
 engolindo em fúria cínica
 como o faz agora
 com aquelas lagostas

SOARES

Zootécnicos

não era bem esse o curso da história bela
 ficou assim:
 eu te matei
 como quem acorrenta patinhas de gato
 tu me mataste
 como se ensina a pintos batalha
 eu te alimentei com mais que o máximo
 que suportam coelhos de decoração
 tu me submeteste à fome didática
 - um desdomador e seu leão lânguido

só que tu te extingues antes
 que eu aceite a voracidade
 de comer teu tempo

SOARES

Scout e Jem

todo boi tem olho melancólico
se contempla o céu
e acha pássaros voando
e nem se dá conta
do vagar pelo campo

todos os homens idem.

todo pássaro gela ante os vôos
já que não há pássaro que saiba voar

todo peixe é suave
pois peixe algum parece enxergar o céu
e é mentira
e assim não acha pássaros voando

e se voam os pássaros
(como voam os homens)
o fazem em paz
se o céu permite o vôo
vai ver os pássaros
são tão extensos

ou vai ver os pássaros
por suas asas
brincam tanto de eternidade
que acabam espaço

vai ver os pássaros

SOARES

Hera

encontrarás em tardes de neblina
difusa nas mórbidas luzes
ante o mormaço de postes
circundados de mariposas gordas
ela escalando tua casa anterior
e as casas passadas da vizinhança
nomes inresgatáveis trancados
no verde musgo amargo
pelas cores das paredes que te contariam tudo
se argamassa houvesse ainda

encontraremos devorando voraz
imensos portões de ferro
imensa igreja cancelada
logo varrerá de nossas calçadas
lascas de tijolo e todo inseto
todo miúdo legado que se expunha
nos recantos das ruas

na garagem das carroças vislumbrarás
já é o Museu das Carroças
e sua cerca a hera seqüestrou
devemos auxílio a museus também?
de alegrias e paz?

deteríamos se tesouras tivéssemos
mas tudo em nossas gavetas e despensas
a massa vegetal escondeu para sempre

SOARES

(flores não morrem
flores se oprimem sem luz)

vê como escala tal qual se ergue uma fortaleza
e encobrir rápido as únicas margaridas selvagens na Terra
os morros distantes onde nunca fomos
sabemos o paraíso?

recordarás pelo tempo que te resta
toda imensidão que não voltarás a tocar
pois a espessura da hera é inimaginável

encontrarás no bloqueio à tua vida
a mesma hera que liga tuas pernas
ao chão antigo
sente os blocos intransponíveis

QUARTA PARTE

A ORIENTAL SAFIRA

* CÉSAR LEAL

*La gloria di colui che tutto move
faz ondular no céu o seu rebanho
– limpos diamantes a girar na luz –
rugem vulcões nos abissais do mar,
treme o horizonte quase a rebentar,
ouço o rumor da nuvem que se move.*

10 *Sobre minh'alma agora aberta em cruz
penetram sombras altas como a noite,
trazendo aos sonhos só águas barrentas,
onde fixos estão alvos secretos,
do firmamento os seus mais altos tetos,
rubros cristais no azul do mar só luz.*

*A sombra me conduz a outras paisagens,
a Montanha de Kaf (cerca a Terra),
os rios, os ciprestes inclinados,
as cidadelas brancas onde a Morte
joga com seu punhal e afina o corte,
levando a todos a cruel mensagem.*

20 *Alvos astros ao sul desenham a cruz,
enquanto o Tempo vai medido em anos,
e céu e mar ocultam seus mistérios!
Sinto que o dia avança e leva a face
que mostra ao mundo o seu olhar fugace
- a Terra argila azul banhada em luz.*

30 *Vencido o nevoeiro chego ao ponto
onde são vistas brisas na folhagem
e aves a construir os altos ninhos...
a música do Sol no sentimento,
me faz chegar à voz um canto lento
de cujas notas sou o contraponto.*

LEAL

Vejo no Limbo a trágica beleza...
o passado que volta é só lembrança
do Planeta banhado pelo Sol.
Sinto Francesca o Amor que fez maldita
a tua sorte expressa em fala aflita
neste lar onde o Tempo é só tristeza.

40 No Flegetonte um Sábio me aconselha
a não parar às margens desse rio
onde as águas ardentes brotam chamas!
Reconhecendo aquela voz amiga,
lembro, é meu mestre nesta casa antiga
que tem o firmamento como telha.

E conversamos como antigamente,
nada direi do rosto requeimado,
que vejo em fogo – máscara de brasas –
aceito o que me diz, muito o admiro,
das lições que me dá conclusões tiro:
tem violinos na voz eternamente...

50 Aos sólios do solstício eis-me lançado
e de seu trono em calma fito o mundo
com tantas lutas e ódios tão ferozes,
arranco a voz todo falar futuro,
as trevas já me rondam feitas muro
– subitamente vejo-me cercado.

60 O Tempo ao mundo vai ficando espesso,
a suave luz do mar no mar se oculta
e o canto muda em notas de aspereza,
Enéias busca a gruta da Sibila,
a precisão do Oráculo destila,
a flecha acerta Dido no arremesso.

LEAL

Lança-se ao mar no lenho a recordar
as Portas de Marfim vistas no sonho
apaziguando velhas cicatrizes!...
e lembra Tróia e a guerra não vencida,
a Ilión de altos muros jaz perdida
sem Dido novo reino vai fundar.

70 Como no palco as vozes vão subindo
e o semblante do coro vai baixando
até que da plateia chega o aplauso...
Assim sobe na morte o sol futuro
e baixa as duras pedras deste muro
quando da vida o tempo for fugindo!

A brisa, a planta, a folha, a rosa, o fim,
a brasa, a vela, a dança, a nuvem, o ar,
a vaga, a ilha, a selva, o lago, a cinza,
o promontório, a pluma, o vôo, a asa,
a forma, o Sol, e novamente a brasa,
a voz do amor, o cósmico marfim.

80 Qual braseiro coberto pelas cinzas
ao sopro matinal mostra o rubor
que no sono das brasas se ocultava,
o sono assim ferido pela voz
desperta esse braseiro oculto em nós
e lança no ar da tarde suas cinzas.

90 Flóridas águas, onduladas cores
que a forma toma de claras vogais
saltando limpas de exiladas vozes...
Sobre o horizonte da linguagem chove
azulada neblina que se move
levando águas à terra e à vida amores.

LEAL

*A cruz no azul do céu do meu país
Que aumenta a Fé no sonho dos meninos
– meridionais na morte e nascimento –
é o lampadário ao Sul que a noite acende
e seu desenho pelo céu resplende
simbolizando a força que Deus quis.*

100 *A eterna luz no olhar é puro engano,
uma ilusão que as flores negariam
ao se inclinar no caule a cada tarde,
a Ursa em seu voar deseja menos,
ainda que tenha a altura que não temos
nem mede seu viver ano por ano!*

*Mas a treva nos cerca como o Tempo
nesse rodar veloz das estações
que vão mudando a fala das crianças,
até que nosso corpo verga ao peso
que atrai do jovem olhar pena e desprezo
e a mente nega forma ao pensamento.*

110 *A sombra é sono, o sono esmaga a mente
com sonhos-pesadelos de quem sofre
nos campos do sonhar sono sem fim
onde o sonho no sono aponta a morte
e a Morte ao produzir seu fundo corte
recorda o sono forte a toda gente.*

120 *Se a vida foi ao homem consentida,
as coisas que as virtudes aniquilam,
vivê-las plenamente todos querem...
Mas quem foi para a morte destinado
e o mais que fez ficou no já passado
a vida pouco vale em ser vivida!*

LEAL

*Prateadas vozes, luminosos dedos,
neblina azul no fundo azul das águas,
pés orvalhados, alvos tornozelos!...
Olhar pesado e cego ao céu profundo,
deixar o lar, o mar, o sol, o mundo
– saber-se unido ao sono dos rochedos.*

130 *Cego leopardo! Garra de leão,
exasperante loba no poente,
cascavel ébria que me habita os sonhos,
é o sono quem nos governa o futuro,
eu sei que tudo é pó, é pedra, é muro,
nem sombra ficará, tudo é carvão.*

*As belas formas jazerão sem cores,
feitos de lírios pareciam os dedos,
dentro das tumbas soltas cabeleiras,
antes do pó é limo o corpo todo,
o ventre claro agora é um pardo lodo
hormônio e sangue alimento das flores.*

140 *A voce pelo céu resplende e canta,
em seu delírio de neblina e sombra,
topázio triste que consola os campos...
Os ramos pesam sobre o caule e a Terra
sustenta o sol nas asas dessa guerra
onde a voz de Spandau o mundo espanta.*

150 *Do Templo das palavras me retiro
para deixar no mundo esta linguagem
que se diz muito, pouco ainda diria!
No céu, eis o luzeiro constelado
e todo o alvorecer vejo banhado
na doce cor d'oriental zaffiro.*

COLABORADORES

I

Manuel Bandeira, nascido no Recife em 1886. Possui enorme fortuna crítica. Aos dez anos se transferiu com os pais para o Rio de Janeiro. Por razões de saúde não completou os estudos superiores. Esteve internado em um Sanatório na Suíça, onde conheceu o grande poeta francês Paul Eluard. Ao retornar da Europa, publicou em 1917, aos 31 anos, em edição por ele mesmo custeada, o seu primeiro livro - *A cinza das horas* - onde as marcas românticas, simbolistas e até parnasianas estão presentes. Não participou da Semana de Arte Moderna de 1922, mas viria ser considerado mais tarde o "São João Batista" do movimento. Até os 50 anos teve muita dificuldade em publicar seus poemas. Para homenageá-lo nessa data, os amigos publicaram sua fortuna crítica: 201 exemplares. Também o livro *Estrela da Manhã*, exclusivamente para subscritores, com papel presenteado por Luís Camilo de Oliveira Torres. A edição: 50 exemplares. Mas faltou papel, foram impressos apenas 47 pela Biblioteca Nacional. Ao completar 80 anos, foi condecorado pelo presidente Marechal Castelo Branco, com a mais alta comenda do País: a Ordem Nacional do Mérito. Faleceu em 1968, aos 82 anos.

Ascenso Ferreira nasceu em Palmares, Pernambuco, em 1895. Publicou em jornais e revistas poemas românticos e parnasianos. Em 1922, adere à Semana de Arte Moderna de São Paulo, e passa a ser um dos líderes do movimento no Recife. Sua poesia foi captada nas melhores fontes de nosso folclore. Gozou de grande popularidade, sendo admirado pelo povo. Mário de Andrade prefaciou um de seus livros e isso constituiu um passaporte para sua entrada na galeria dos modernistas brasileiros. Faleceu em 1965, aos 70 anos de idade.

Joaquim Cardozo, nascido no Recife, em 1897. Criador de uma poesia de nível internacional, foi também dramaturgo. Sua obra não se distingue pela quantidade. A qualidade é a característica principal de sua língua poética. Engenheiro, calculista dos palácios de Brasília, durante muitos anos trabalhou com Oscar Niemeyer, após haver se transferido para o Rio de Janeiro, em razão de perseguições políticas que o levaram a perda do cargo de professor catedrático da Escola de Engenharia. Escreveu *Poemas*, *Signo Estrelado*, e *Trivium* um dos livros mais rigorosos da poesia de língua portuguesa do século XX. Faleceu em Olinda em 1978, aos 81 anos.

Mauro Mota, natural de Nazaré da Mata, onde nasceu em 1911. Bacharelou-se em direito mas não seguiu a profissão. Distinguiu-se como poeta, jornalista e professor. Estreou na poesia em 1952, com *Elegias*, livro que lhe assegurou enorme fortuna crítica. Autor de muitos outros livros, Mauro Mota exerceu diversos cargos públicos, inclusive o de Diretor do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, diretor do Departamento Estadual de Cultura e do Arquivo Público do Estado. Pertenceu às Academias Pernambucana e Brasileira de Letras, foi diretor do Diário de Pernambuco e, ao falecer, em 1984, integrava o Conselho Federal de Cultura.

João Cabral de Melo Neto, nascido no Recife, em 1920. Aos 22 anos se fixa no Rio de Janeiro, onde ingressa na carreira diplomática em 1945, sendo designado para trabalhar no Consulado do Brasil em Barcelona. Sua bibliografia é bastante vasta, incluindo obras como *O Engenheiro*, *Psicologia da Composição*, *Quaderna*, *Educação pela Pedra*, *Uma Faca só Lâmina*, *Morte e Vida Severina (teatro)*, *Educação pela Pedra*, e muitos outros títulos. Foi Laureado com numerosos prêmios internacionais. Sua fortuna crítica é enorme. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras. Faleceu no Rio, aos 79 anos.

II

Alberto da Cunha Melo, destacado poeta da Geração 65. Nascido em Jaboatão, em 1943, graduou-se em Ciências Sociais. Foi o primeiro a publicar poemas em separatas desta revista, em meados da década de 60. *Círculo Cósmico*, título dado a esse livro pelo próprio Editor de *Estudo Universitários*. Os poemas aqui reunidos constituem uma nova forma fixa, estruturada em onze versos que imitam o esquema tático (4-2-3-2) de um time de nosso esporte nacional: o futebol. Escreveu, entre outros, os livros *Oração pelo Poema*, *Noticiário*, *Poemas Anteriores*, *Carne de Terceira*. Alberto da Cunha Melo foi diretor da Divisão de Cultura da Fundarpe e editor, durante alguns anos, das páginas de literatura do *Jornal do Commercio*.

Almir de Castro Barros, integrante da Geração 65, bacharel em Direito, assessor Jurídico da Fundarpe, publicou seus primeiros poemas nas páginas literárias de nossos jornais. Sua poesia apresenta influências que o aproximam dos poetas espanhóis e italianos da modernidade: G. Ungaretti, Eugenio Montale, Salvatore Quasimodo, Juan Ramón Jiménez. Vários livros publicados.

Esman Dias é um dos mais completos poetas de sua geração. É professor de literatura Inglesa e de Teoria e Técnicas da Tradução do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco habituou-se à leitura dos poetas de língua inglesa desde muito cedo. É também tradutor.

Fernando Monteiro, poeta e romancista, nascido em 1949. É também cineasta. Seu primeiro livro de poemas - *Ecométrica* - foi bem recebido pela crítica do País. A língua poética de Fernando Monteiro assegurou-lhe um lugar na linha de frente de nossa melhor poesia. Na ficção, com *Aspade*, recentemente editado em Portugal, ele apresenta uma verdadeira revolução na narrativa. Respeitado crítico de arte, escreveu o livro *Brennand*, estudo sobre a obra do grande pintor brasileiro.

Gladstone Vieira Belo, um dos mais ativos integrantes da Geração 65. Fez parte, com numerosos outros jovens, da antologia organizada por Elói, o primeiro editor particular do grupo e também poeta. Ingressou no *Diário de Pernambuco*, como repórter. Foi colunista literário, secretário e superintendente. Eleito para o Condomínio Acionário dos *Diários Associados*, presentemente, é Vice-Presidente do *Diário de Pernambuco* e da *Fundação Assis Chateaubriand*. Além de poeta, Gladstone Vieira Belo é um forte crítico literário.

Geraldo Falcão sempre publicou poemas em suplementos literários mas só agora vem divulgando em livros os seus trabalhos. Contista, ensaísta, tem colaborado em suplementos de cultura. O *Estado de São Paulo*, "Cultura" do *Diário do Nordeste* (Fortaleza), nos antigos suplementos literários do *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Commercio*, do Recife. Laureado em numerosos concursos de poesia.

Majela Colares, nascido em Limoeiro do Ceará. Graduado em Direito, é assessor da Presidência do Tribunal Regional Federal da 5ª Região. Seu domicílio literário é o Recife. O primeiro livro de poemas foi o *Soldador de Palavras*, muito bem recebido pela crítica. Atualmente faz parte do corpo editorial das revistas de cultura *Callibán*.

Jaci Bezerra foi o primeiro poeta da Geração 65 a aparecer no suplemento literário do *Diário de Pernambuco* que, sob a coordenação de César Leal, lançou os principais escritores jovens da década de 60. Anos mais tarde, eles viriam a ser chamados, pelo Prof. Tadeu Rocha, poetas da "Geração 65". A poesia de Jaci Bezerra apresenta um ritmo avassalador, uma pureza de linguagem rara em nossa poesia moderna.

É um grande poeta. Seus principais livros são *Romance, Livro das Incandescências, O Livro de Olinda, Comarca da Memória*. Alagoano, nascido em 1944, Jaci Bezerra é assessor da Presidência da Fundação Joaquim Nabuco. Juntamente com Alberto da Cunha Melo e outros, apoiados por Fernando Freyre, fundou as *Edições Piratas*, famosas pelas mais de 300 obras editadas.

Marco Polo Guimarães, nasceu em 1949. Publicou seus primeiros poemas no *Jornal do Commercio*. Integrou-se muito cedo à Geração 65. É compositor, autor de letras de música, o que não o impede de escrever uma poesia clara, moderna, sem concessões aos velhos metros românticos, que tanto agradam aos admiradores de Víctor Hugo e seus seguidores no Brasil. Foi editor do Caderno C do *Jornal do Commercio* onde também assina uma coluna literária. Seu último livro - *Palavra Clara* - é um dos mais fortes no âmbito da poesia neste final de século.

Maria da Paz Ribeiro Dantas é mestre em Teoria da Literatura. Sua dissertação sobre *Mito e Ciência na Poesia de Joaquim Cardozo* é um dos melhores livros até agora publicados sobre o grande poeta pernambucano. Além de dedicar-se à poesia, Maria da Paz Ribeiro Dantas é tradutora.

Mário Hélio, poeta e crítico literário, mestre em História, professor do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco. Iniciou-se muito cedo, ao ganhar o Prêmio Eugênio Coimbra Júnior do Conselho de Cultura da Fundação de Cultura da Cidade do Recife. Publicou *Livrório-Opus-Zero* e editou pela Record o famoso Relatório que revelou Graciliano Ramos como escritor, quando era Prefeito de Palmeira dos Índios, em Alagoas. Recentemente, foi selecionado para fazer o curso de doutorado em História pela Universidade de Salamanca.

III

Jacineide Travassos, mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco; já se encontra no prelo um de seus originais: *Mitologia das Águas*.

Delmo Montenegro, nascido no Recife em 1974, ensaísta, poeta e tradutor. Relacionado com a Associação de Pesquisadores em Artes Plásticas, compõe poemas visuais, utilizando o computador. Atualmente procura um Mecenaz para a edição de seu livro: *Domna Zeigeist*.

Fernando de Souza é graduado em Letras e faz o curso de mestrado em Teoria da Literatura na UFPE. Tem inédito o livro: *O Arco do Violino*.

Sérgio Soares é o mais velho do grupo. Nasceu em 1970. Mestre em Teoria da Literatura, tem inédito o livro: *Cultura de Larvas* (poesia).

Pietro Wagner, recifense nascido em 1972. Foi o vencedor, em 1998, do Prêmio Eugênio Coimbra Júnior, do Conselho de Cultura da Cidade do Recife, com o livro *Liturgia dos Nomes*. É poeta de muita força e possui cultura literária suficiente para acompanhar as mudanças que irão ocorrer na poesia no próximo milênio.

IV

* César Leal, poeta, crítico de poesia, autor dos livros, *Invenções da Noite Maior, O Triunfo das Águas, Jornal do Verão, Tambor Cósmico, Constelações, Os Heróis, Os Cavaleiros de Júpiter*, entre outros. Condecorado com a Ordem do Mérito da República Italiana. Foi relator no Conselho Federal de Cultura do Processo em que os governos de Portugal e do Brasil criaram o "Prêmio Luís de Camões."

Montado e impresso no sistema digital de
Publicação por demanda da

Editora
Universitária  UFPE

Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20 • Várzea
Fone: (081) 271.8397 • Fax: (081) 271.8395
CEP 50740-530 • Recife • PE